

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	-4. FEV. 1980	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Os avisos do destino

Tinham medo e atemorizavam — Tácito



Eduardo Lourenço

De um ponto de vista estritamente maquiavélico — que ao fim e ao cabo é o da política — talvez a esquerda se deva regozijar com o reflexo vingativo, digno de manes de Alexandre Dumas, que tenta afastar a ex-Primeiro-Ministro do seu posto na Unesco. Todavia, a rapidez e o carácter expeditivo dos novos Condes de Monte Cristo, que só se podem vingar do mal que a Primeiro Ministro lhes não fez, é mais para alarmar que para celebrar, como «gaffe» rendosa do novo Governo.

Decerto, a embaixadora Maria

de Lurdes Pintasilgo fica assim a saber — se a odiosa orquestração a que se referiu a não tivesse de sobra elucidado — que a sua trajectória, embora breve, suscitou nos seus actuais inimigos um dos mais virulentos acessos de furor e pânico conhecidos desde o 25 de Abril. Perdoa-se tudo, menos o medo (injustificado) que se teve e os métodos de que se foi obrigado a servir-se para o conjurar.

Com a hipocrisia, que parece uma segunda natureza, em certa da nossa imprensa, celebrou-se à porfia a «exemplaridade» (mais uma) do comportamento político no período eleitoral. Só se esqueceu que essa campanha bem educada fora precedida de um dos mais soezes e mediocres ataques políticos e pessoais contra uma candidata a Primeiro-Ministro, sem outro fundamento que o da sua etiqueta ideológica, imaginada como «marxista» e «católica», com o fim exclusivo de ser devorada viva no circo de hienas tristes da nossa praça.

Com este pano de fundo e esta lógica se mobilizou uma boa parte do eleitorado. É normal que se lhe ofereça agora, para o consolar, a vítima fabricada pelo ódio

da classe que inventando-a, acabou por ter medo do medo, com quem a não tivesse a arde militante cristã, com o coração ao pé da boca, em tenebrosa Rosa Luxemburgo do «católico-marxismo» nacional...

Como amostra do novo estado de espírito, o «caso» Maria de Lurdes Pintasilgo é revelador por reduzir a quase nada os bons propósitos anunciados durante, e logo após a campanha eleitoral, por dirigentes responsáveis da Aliança Democrática. A começar no seu «leader» e a acabar em Vasco Pulido Valente e Amaro da Costa, cada qual consciente, e a justo título, de que uma atitude revanchista seria incompatível com o propósito de uma prática governativa eficaz e de duvidosos dividendos eleitorais futuros. Razões de vulto existem, pois, para que a paixão na sua mais mesquinha versão, se tenha sobreposto ao que o bom senso político e a prudência aconselhavam. O nosso povo ferve em pouca água e esquece com a mesma facilidade. A maioria só se lembra da atmosfera «tranquilizadora», balsâmica, com que a campanha eleitoral propriamente

dita foi levada a cabo.

Mas antes dela e sob ela, contínuo e irrisório processo de acção presidencial que teve o seu «clímax» numa intervenção, famosa pelo tom, do prof. Freitas do Amaral. Durante a campanha, como por mágica, essa música evoluiu-se nas brumas ecológicas. Volta agora e em força. O ajuste de contas com Maria de Lurdes Pintasilgo é, ao mesmo tempo e antes de mais, o ajuste de contas com um Presidente que sendo ainda o do País, já não é, há muito, como publicamente foi dito, o dos dirigentes da Aliança Democrática, o que aliás nada tem de escandaloso. Se escândalo existe ou não existindo se desejou criar, é este de «punir» em Maria de Lurdes Pintasilgo uma escolha presidencial que se pode discutir, como todas, mas que foi recebida pelos futuros dirigentes da Aliança como uma afronta.

Como a classe política portuguesa se conhece toda uma à outra, a convenção verbal que a rege (quando não rebent de golpe) é a da desdramatização contínua de tudo quanto se passa na cena portuguesa. Ou então, mas o

espírito é o mesmo, uma pseudo e permanente teatralização partidária das trivialidades que nela têm lugar. A verdade é que, nem por ser mesquinha, frustrante, familiar, a vida política nacional é menos feroz. A hipocrisia que lhe constitui a alma (e já há muito) não lhe diminui o carácter implacável. Só lhe retira a relativa grandeza que, por momentos, podia ter e não tem, a não ser sob a pluma de escribes que confundem a Serra da Estrela com o Everest. Os conflitos que agitam a sociedade portuguesa, e que são uma gota de água do mais vasto conflito planetário, têm hoje um quadro constitucional, uma regra de jogo democrática e isto é um bem sem preço. Mas é ilusório pensar que esse quadro não deixa extravasar esses conflitos ou que é a sua solução. É a vida real que impõe as suas tensões. O triunfo da Aliança Democrática não é um episódio neutro, uma nova versão do hino democrático para tocar aos domingos à tarde. Cada vez mais o normal «projecto de sociedade» que devia caracterizá-lo se manifesta como vontade de mudança de regime, sem que ninguém saiba como, e sobretudo

qual, embora a lógica interna da coligação o deixe adivinhar. Na ausência de um modelo de tal regime — o de Sá Carneiro? O de Lucas Pires? O de Medeiros Ferreira? — só teremos os actos para poder prever o seu perfil e carta de identidade.

Como primeiro acto com significado político interno, aquele que agora envolve o nome e destino diplomático da antiga Primeiro-Ministro, não pode ser mais claro. Só o seria se ousasse ser, frontalmente, um desafio ao próprio Presidente da República, já avisado há muito de uma subalternização que não é a da letra da Constituição. Estranho começo para quem se apresentou como capaz de superar a perspectiva «partidária», mais (com efeito) da passada experiência política, cair no pior dos partidarismos que é o do *peçoalismo* das «revanches» — despeitos, ou vinganças mais ou menos chinesas. A Aliança Democrática, pelos vistos e ao contrário do provérbio, gosta da vingança quente, como os ovos estrelados. Para ter tempo de a digerir, sem dúvida. O País fica avisado. E atento.